

Urbanistas querem salvar Setor Comercial

O Setor Comercial Sul (SCS) está ultrapassado e o Setor Comercial Norte (SCN) precisa urgentemente de um plano de urbanização.

A conclusão é de estudos feitos por um grupo de nove alunas de mestrado em Planejamento Urbano da Universidade de Brasília (UnB).

Os estudos, que propõem soluções criativas para os problemas, fazem parte de um trabalho de pesquisa nos dois setores.

“O curioso é que Brasília é uma cidade ainda não finalizada, mas já precisa ser revitalizada em alguns pontos”, avalia uma das mestrandas, Maria Salette de Carvalho Weber.

Para ela, “é preciso construir novos prédios no SCS, misturar estilos. A cidade deve se manter viva, continuar com a idéia inicial de sempre estar na vanguarda da arquitetura”.

Planejamento — No Setor Comercial Norte, a falta de planejamento é o que mais preocupa as alunas. “O setor ainda está em construção, mas já apresenta problemas”, explica outra mestrandas, Cecília Juno Malagutti.

Além disso, a construção de prédios *inteligentes*, controlados por computadores, é criticada pelas alunas.

“O prédio da Varig na W3, segun-

do a Companhia Energética de Brasília, vai consumir mais energia que a cidade de Brazlândia inteira, que tem 41 mil habitantes. No nosso entender esse é um prédio *burro*”, acusa.

Para melhorar as duas áreas, sem ferir o tombamento e aperfeiçoar a qualidade, o projeto sugere a adoção da *Operação Urbana*, já adotada pela prefeitura de São Paulo na reforma do Vale do Anhangabaú.

Estoque — A operação, que pode ser determinada por lei distrital, define um “estoque de área edificável” e fixa o que será necessário fazer para transformar a região.

Com uma lei específica para criar a operação, é possível construir até em áreas vetadas pelo Código de Obras de Brasília.

Por este instrumento, também é possível que a iniciativa privada seja responsável pela obra.

O grupo, orientado pelo professor Jorge Guilherme Franciscone, pretende apresentar o projeto ao governo do Distrito Federal.

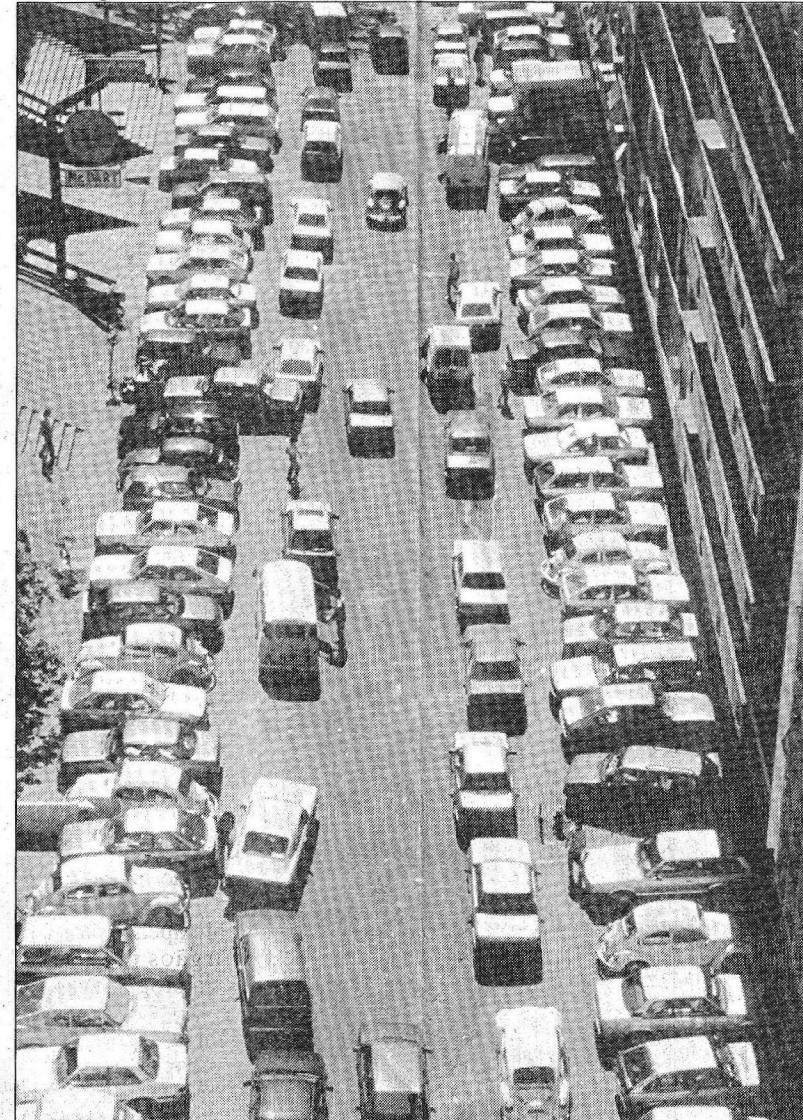
A melhor chance para isso, no entanto, é um concurso que a Secretaria de Obras deve lançar na segunda quinzena de agosto.

“A idéia é fazer uma parceria com a iniciativa privada e abrir a seleção para profissionais de urbanismo de todo o Brasil”, conta o secretário adjunto de Obras, Paulo Bicca.

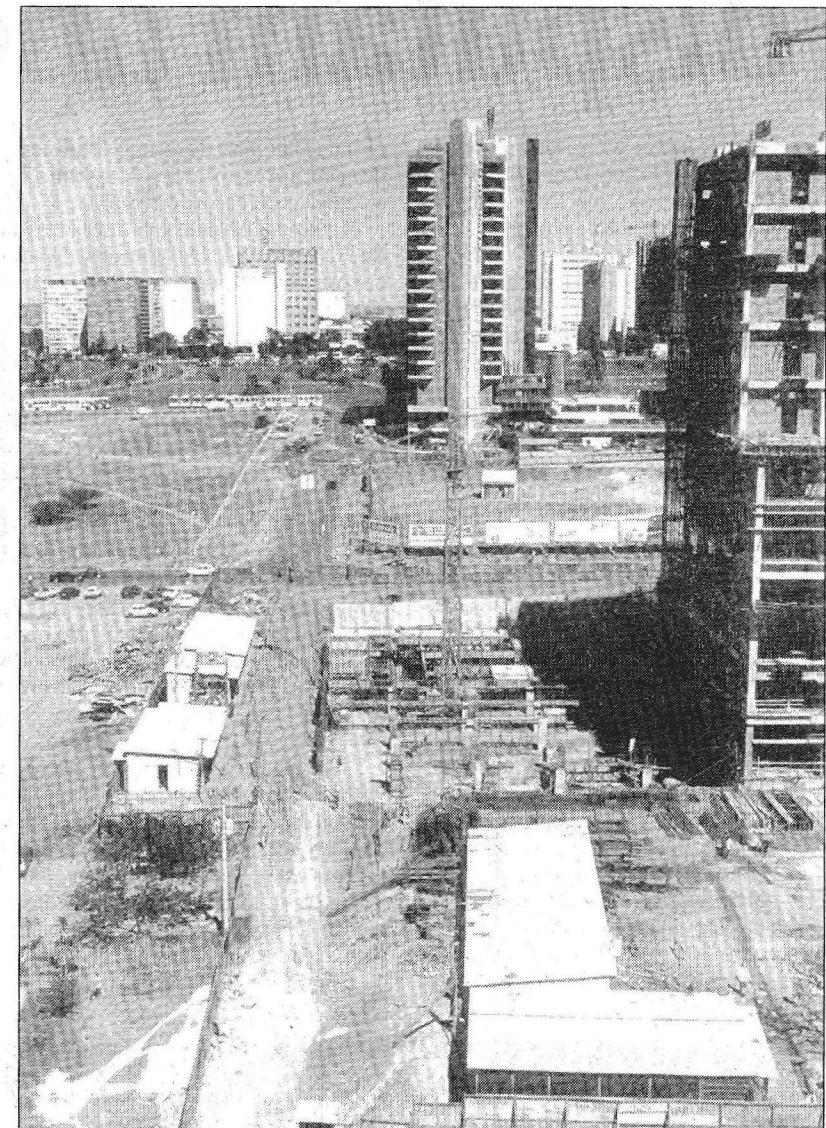
“Os prédios inteligentes são edifícios burros”

Cecília Malagutti
mestranda em urbanismo

Fotos: Jorge Cardoso



A falta de estacionamento pode ser resolvida com vagas subterrâneas



O Setor Comercial Norte tem obras, mas não conta com orelhões e praças

Ruas podem ser fechadas

A falta de um estacionamento adequado foi apontado pelo projeto do mestrado de Planejamento Urbano da Universidade de Brasília como o principal problema do Setor Comercial Sul.

“Muitas vezes tenho que vir aqui, mas desisto por que não tenho onde parar meu carro”, afirma o vendedor Genaldson Queiroz, 31 anos.

O problema não é só de Genaldson. Estacionamento naquela área é tarefa para enlouquecer qualquer brasiliense. O vendedor Carlos de Oliveira e Souza, 28 anos, deficiente físico, sofre ainda mais com a falta de vagas.

Dificuldades — Fazendo malabarismos para saltar do carro sem atrapalhar o trânsito, ele reclama da falta de espaço específico para que pessoas como ele possam sair do carro com tranquilidade.

“Tenho que vir sempre aqui para descontar cheques ou para ir na

Casa do Paraplégico, mas a dificuldade é grande”, diz ele.

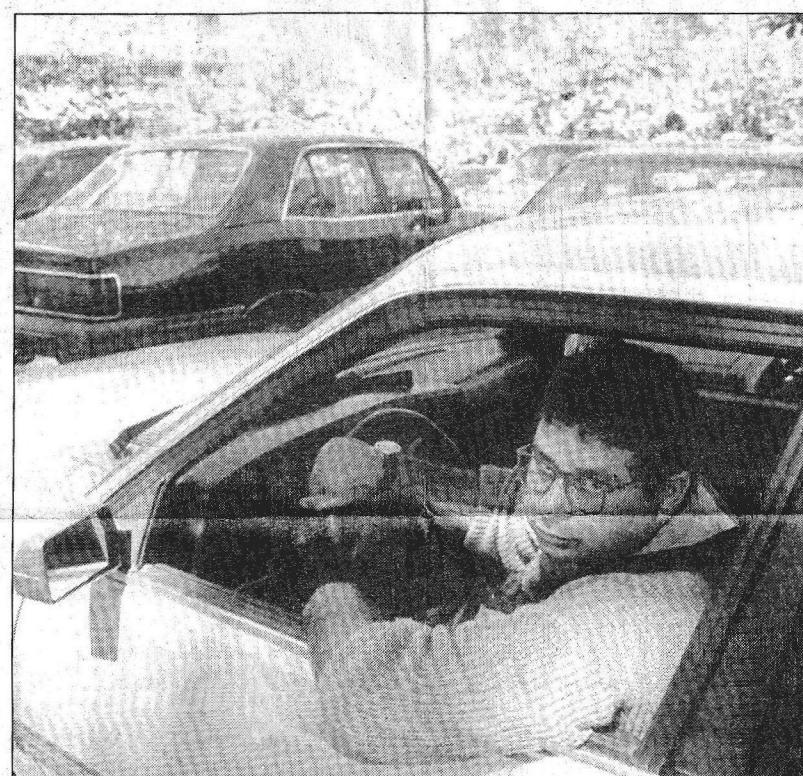
Para resolver esse ponto crítico, o trabalho da UnB sugere a construção de estacionamentos subterrâneos como os que existem em Barcelona, na Espanha.

O pedestre também está na mira do projeto. O fechamento de algumas ruas abriria mais espaço para quem precisa andar diariamente no Setor Comercial.

Outro problema identificado foi a falta de opções de lazer na região.

Para tornar a área mais atrativa à noite, tanto para os moradores de Brasília como para os visitantes, a idéia é estimular as atividades culturais e turísticas.

“Sugerimos a construção de cinemas, teatros, restaurantes e uma praça com comércio funcionando 24 horas ali. Assim, o problema da violência também seria reduzido”, opina Maria Salette.



Genaldson: “Desisto de ir ao Setor Comercial por não ter onde parar o carro”

Faltam praças e orelhões

“O Setor Comercial Norte inteiro só tem um orelhão na rua e não existem bancos para que as pessoas sentem e conversem. Esse é um dos maiores reflexos da falta de planejamento urbano da área”, analisa a mestrandas Cecília Juno Malagutti.

A falta de praças, calçadas, caixas de correio, latas de lixo e pontos de ônibus também mostra, segundo as alunas, a desorganização da área.

“Outro problema sério é a carência de restaurantes. Quem não tem dinheiro para comer no Liberty Mall fica praticamente sem alternativa. Apenas alguns ambulantes vendem comida na rua”, afirma Cecília.

Marmitas — Iram Alves Ferreira é um dos que vendem marmitas todo dia na porta do shopping a R\$ 2,50. “Se eu não estivesse aqui, muita gente ia ter que se virar para comer na hora do almoço”, avalia.

Cliente assíduo de Iram, o segurança do Liberty, Ari Moreira Fi-

lho, afirma que não tem dinheiro para comer no shopping. “Tem uma cantina, mas é muito longe daqui”, opina.

A proposta para solucionar esse problema é a criação de pontos de venda de lanches e refeições rápidas fora dos prédios do Setor Comercial Norte.

“Também estamos trabalhando com o conceito de valorização do prazer urbano, essa necessidade das pessoas conviverem e se encontrarem”, afirma.

De acordo com Cecília, a transformação de alguns hotéis em apart-hóteis poderia dar mais vida à região.

“O Setor Comercial Norte segregaria a população. Para mudar isso, estamos propondo a criação de uma praça do cidadão”, revela.

Além de servir para o convívio social, a praça teria quiosques para oferecer facilidades na obtenção de documentos como a carteira de identidade, por exemplo.